

Da erva-mate aos ervateiros: uma análise de sua dinâmica territorial no município de São Mateus do Sul, PR

From yerba mate to its processors: an analysis of its territorial dynamics in São Mateus do Sul, PR, Brazil

De la yerba mate a sus procesadores: un análisis de su dinámica territorial en de São Mateus do Sul, PR, Brasil

Wagner da Silva

<https://orcid.org/0000-0001-9327-4286>

geo.wagner92@yahoo.com.br

Universidade Estadual de Ponta Grossa, UEPG, Ponta Grossa, PR, Brasil

Celbo Antonio da Fonseca Rosas

<https://orcid.org/0000-0001-9342-3528>

celboantonio@uepg.br

Universidade Estadual de Ponta Grossa, UEPG, Ponta Grossa, PR, Brasil

Resumo: A exploração da erva-mate ultrapassa as questões econômicas, devido a sua inserção num contexto dinâmico territorial multidimensional. Portanto, a análise inicial da sua construção ocorre a partir das relações do objeto/sujeito de estudo no território. O enredo inerente ao território é marcado pela diversidade de sujeitos, elementos e dinâmicas que compõem as territorialidades, resultando numa complexidade específica de cada recorte territorial. Este texto busca compreender as dinâmicas territoriais da exploração da erva-mate a partir do município de São Mateus do Sul, um recorte territorial localizado no Sudeste paranaense, que juntamente com mais cinco municípios detém o reconhecimento de Indicação Geográfica (IG) da erva-mate. Os dados e informações analisados apontam para contradições entre área plantada e colhida e relações assimétricas entre os grupos envolvidos no processo, numa rede complexa e dinâmica.

Palavras-chave: Territorialidades, Multidimensionalidade, Redes.

Abstract: The exploitation of yerba mate goes beyond economic issues, due to its insertion in a dynamic multidimensional territorial context. Therefore, the initial analysis of its construction occurs from the relations of the object/subject of study in the territory. The plot inherent to the territory is marked by the diversity of subjects, elements and dynamics that compose the territorialities, resulting in a complexity specific to each territorial clipping. This paper seeks to understand the territorial dynamics of the exploitation of yerba mate from the municipality of São Mateus do Sul, a territorial cutout located in the southeastern part of Paraná State, which, along with five other municipalities, has the recognition of the Geographical Indication (GI)

of yerba mate. The data and information analyzed point to contradictions between the planted and harvested area and asymmetric relations between the groups involved in the process, in a complex and dynamic network.

Keywords: Territorialities, Multidimensionality, Networks.

Resumen: La explotación de la yerba mate va más allá de las cuestiones económicas, debido a su inserción en un contexto territorial dinámico y multidimensional. Por tanto, el análisis inicial de su construcción se produce a partir de las relaciones del objeto/sujeto de estudio en el territorio. La trama inherente al territorio está marcada por la diversidad de sujetos, elementos y dinámicas que conforman las territorialidades, dando lugar a una complejidad específica de cada recorte territorial. Este texto busca comprender la dinámica territorial de la explotación de la yerba mate del municipio de São Mateus do Sul, un recorte territorial ubicado en el sudeste de Paraná, que junto con otros cinco municipios posee el reconocimiento de Indicación Geográfica (IG) de la yerba mate. Los datos y la información analizados apuntan a contradicciones entre la superficie plantada y la cosechada y a relaciones asimétricas entre los grupos implicados en el proceso, en una red compleja y dinámica.

Palabras clave: Territorialidades, Multidimensionalidad, Redes.

INTRODUÇÃO

A erva-mate é uma planta nativa que já era explorada no território sul brasileiro antes mesmo da chegada dos colonizadores. Enquanto atividade histórica do setor primário, ela movimentava várias dimensões do território: econômica, cultural, socioambiental e política. Com isso, empregou-se a categoria de análise território, devido ao seu caráter multidimensional, para compreender as dinâmicas da erva-mate em São Mateus do Sul - PR, colocando em destaque os processos e sujeitos envolvidos sua produção e consumo.

O enfoque da pesquisa está no território, evidenciando sua dinâmica, sua construção e apropriação pelos sujeitos, além de suas expressões nas diversas dimensionalidades, escalas e disputas. Considerando que os sujeitos constroem o território, não se pode desprezar a ação humana, sobretudo no que diz respeito à territorialização da erva-mate para além da forma nativa. Por isso, parte-se do pressuposto que o território é construído pelos ervateiros, ou seja, prestadores de serviços e outros trabalhadores, produtores, empresas, atravessadores, consumidores entre outros.

Por que considerar o território dos ervateiros? Nesse caso há concordância com Souza (2016), quando coloca que a territorialização de um espaço ocorre por inúmeras circunstâncias, como, por exemplo, a cobiça aos recursos naturais ali existentes, simbologia cultural e representativa, bem como os aspectos econômicos, políticos, demográficos, socioambientais e outros elementos. Há lacunas no conhecimento e análise sistematizada que interligue a categoria de análise deste território e esta pesquisa pretende uma aproximação basilar que permita uma compreensão multidimensional dos elementos apresentados.

O município de São Mateus do Sul, juntamente com outros cinco municípios da mesorregião do sudeste paranaense: Antônio Olinto, Mallet, Rebouças, Rio Azul, São João do Triunfo e São Mateus do Sul (Fig. 1), compõem desde 2017 a Região São Matheus, grafia

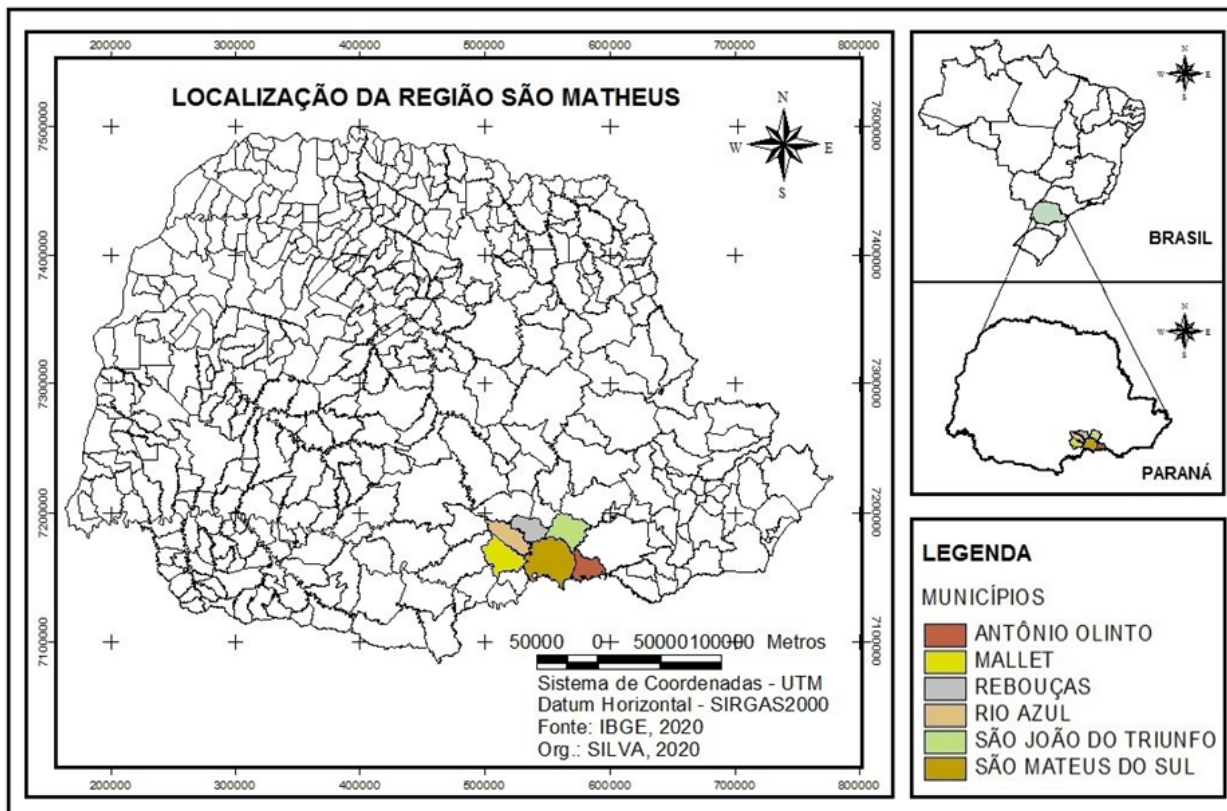
que representa a área que obteve o reconhecimento da Indicação Geográfica (IG) para a erva-mate. Quem conduz o protocolo e confere este sel no Brasil é o Instituto Nacional de Propriedade Industrial (INPI), desde que um produto ou serviço possua características específicas de seu local de origem.

O recorte territorial da região São Matheus localiza-se no segundo planalto paranaense, em sua maioria numa altitude superior a 800 m (IPARDES, 2020), compreendendo 4.361,74 km². Segundo os *Cadernos Municipais do IparDES* (2020) e Maack (2012), estão sob clima de zona temperada, com mais de cinco geadas noturnas por ano e ausência de estação seca, com cobertura vegetal típica de mata subtropical de planaltos e regiões acima dos 500 m de altitude. Segundo o IG-Mathe (2020), associação criada para o reconhecimento de origem geográfica do mate na região São Matheus, as principais características peculiares ao referido recorte são: grande produção da matéria-prima erva-mate; preservação da floresta nativa de araucárias, uma vez que manter a qualidade da planta exige principalmente sombreamento efetivo da presença de pinheiros araucária, imbuías e cedros; utilizar apenas sementes e mudas nativas da região, para garantir a procedência, sabor, cor e anatomia peculiar a todos os ervais; profissionalização dos produtores e indústrias envolvidas, a fim de desenvolver boas práticas e agregar maior qualidade ao processo de produção. Tais critérios estão totalmente ligados ao viés econômico que o reconhecimento da IG acarreta, inclusive para além do setor primário da economia.

Segundo o IG-Mathe, ao fim de 2019 havia 29 produtores cadastrados, representando apenas uma pequena parcela de todos os produtores da região, estimado em 483 (IBGE, 2020). Porém, mesmo considerando apenas as culturas permanentes, apenas 6% de produtores estão cadastrados na IG.

Justifica-se a escolha do recorte para além do reconhecimento da Indicação Geográfica da erva-mate IG devido também à dinâmica maior que a erva-mate movimenta e representa, pensando, além do aspecto econômico, na multidimensionalidade apontada em Souza (2016), Fernandes (2008) e Saquet (2008). A diferenciação entre espaço e território, para estes mesmos autores, ocorre principalmente na percepção de que o território se constrói a partir da relação do espaço com as imbricações do poder, ou seja, o espaço é anterior ao território, sendo um dos elementos de grande importância para sua construção. Trata-se de categorias distintas, complementares e relacionais, dessa forma cabendo diversas análises.

Figura 1: Localização da Região São Matheus, no estado do Paraná.



Fonte: IBGE (2020). Org.: Silva (2020).

O TERRITÓRIO E AS TERRITORIALIDADES

Souza (2016, p. 96), conceitua o território como “relações de poder espacialmente delimitadas e operando, destarte, sobre um substrato referencial”. Se compreender-se que o poder é a base para a existência do território, se deve pensar o poder para além do Estado, já que toda e qualquer relação social é imbricada de poder, institucionalizada ou não. Enquanto “espacialmente delimitadas”, delimitar tais processos e fatos no tempo e no espaço é a essência da análise territorial.

Saquet (2008), complementa que o território é fruto de um movimento relacional e histórico, com permanências e mudanças, multitemporal e multiescalar. A partir da análise articular e multidimensional do território, podem ser percebidas diferentes territorialidades, tanto no espaço quanto no tempo. Na mesma linha da conceituação, Fernandes (2006, p. 33) destaca que

O território é o espaço apropriado por uma determinada relação social que o produz e o mantém a partir de uma forma de poder. Esse poder, como afirmado anteriormente, é concedido pela receptividade. O território é, ao mesmo tempo, uma convenção e uma confrontação. Exatamente porque o território possui limites, possui fronteiras, é um espaço de conflitualidades.

As conflitualidades estão presentes em relações sociais indiretas, no âmbito econômico, cultural, socioambiental, político e outros, e para Fernandes (2008, p. 203) constituem “[...] o processo de relações de enfrentamento permanente nas interpretações que objetivavam as permanências e/ou as superações de classes sociais, grupos sociais, instituições, espaços e territórios”.

Saquet (2008, p. 73-74) coloca a importância da análise territorial a partir da compreensão dos processos que constroem e compõem o território. Na concepção do autor

Alguns processos são centrais: a) a relação espaço-tempo como movimento condicionante e inerente à formação de cada território através das processualidades histórica e relacional (transescalar, com redes e fluxos); b) a relação ideia-matéria, também como movimento e unidade; c) a heterogeneidade correlata e em unidade com os traços comuns e, d) a síntese dialética do homem como ser social (indivíduo) e natural ao mesmo tempo.

Tais processos estão articulados, porém ocorrem em distintas dinâmicas e escalas, com resultados diversos. Essa complexidade remete a uma análise histórica e também de poder. Com isso, pensar o poder no território para Raffestin (1993), significa que aprofundar e esmiuçar as inúmeras relações de poder contidas dentro de um território é essencial para compreendê-lo e posteriormente explicá-lo, e até mesmo dominá-lo.

Para Raffestin (1993), a noção de territorialidade surge no mundo animal, para identificar o domínio territorial das diferentes espécies animais, já no âmbito do ser humano, existem muitas falhas no mapeamento e análise das territorialidades. Uma das principais falhas apontadas pelo autor é o excesso de determinismo na análise antrópica, pensar a territorialidade apenas como uma simples ligação com o espaço deixa em segundo plano a intencionalidade e a racionalidade humana. Para suprir parte dessa lacuna, o autor compreende a territorialidade de maneira tridimensional, fruto da relação sociedade-espaço-tempo, próxima de atingir a maior autonomia possível, respeitando os limites das relações, uma territorialidade dinâmica, com inúmeras variações ao longo do tempo. Tais variações não afetam os elementos de maneira igual, nem ao mesmo tempo, aumentando a complexidade da análise.

Segundo Raffestin (1993), inúmeras são as possibilidades de um sujeito construir seu território, porém a comunicação é necessária em todas elas, mesmo que seu território vivido/ visto seja aparentemente isolado. Sendo a representação por símbolos necessário ao território, a cartografia visa materializar e representar graficamente os comportamentos de poder. Isto pode ser verificado num cartograma construído por uma indústria ervateira, mapeando os principais pontos de plantio e extração em sua área de atuação; num croqui desenhado livremente por um produtor, com o intuito de mapear os limites e disposições espaciais de sua área de produção; ou num planejamento do transporte, visando diminuir o custo do frete. Construir e se apropriar do território exige conhecimento e poder, porém não necessariamente esse poder estará ligado ao capital, individualismo ou posse, podendo estar presente também em relações cotidianas, como a representatividade em uma associação de produtores ou sindicato, por exemplo.

Já Souza (2016, p.107) coloca que mesmo em territórios de longa duração ou efêmeros ocorrem relações de poder que, mais ou menos explícitas, independem de sua duração. Fazendo uma analogia com esta de Souza, Raffestin (1993) afirma a existência de territorialidades estáveis e instáveis, e entre as duas existe um espectro de territorialidades com modificações parciais de dois, três ou mais elementos. As territorialidades ainda podem ser simétricas (quando ganhos e custos se equilibram) ou assimétricas (quando há um desequilíbrio entre ganhos e custos). Outro componente importante da territorialidade é a relação entre os fatores internos e externos, ou seja, entre aquilo que delimita o sujeito ou grupo como identidade, núcleo de ação (relações com o trabalho, não-trabalho, autoridade política, família etc.) e a relação que se estabelece com grupos e sujeitos externos a seus territórios.

Neste emaranhado de relações e produções territoriais tais relações podem ser conflituosas ou pacíficas, e Raffestin (1993, p. 156) analisa as redes dos territórios para além de simples ligações, apontando a importância de considerar os elementos imateriais e materiais, e define redes “como um sistema de linhas onde se desenham as tramas”. Elas podem ser abstratas ou concretas, passando pela materialidade ou imaterialidade, aumentando a complexidade territorial. As redes podem assegurar a comunicação, desde que não delimitem uma fronteira ou limite, nesse caso gerando uma ruptura ou dificultando a comunicação entre os elementos territoriais. Toda rede é uma imagem do poder, em outras palavras, as redes consistem na materialização do poder.

Considerando que a compreensão do território passa pela assimilação de seus elementos, Raffestin (1993) considera na organização de um sistema territorial elementos construtores como superfícies, pontos e linhas; já os sistemas englobam os objetivos, ações, conhecimentos e práticas. A produção territorial acontece a partir das relações entre os elementos e os sistemas - desde o Estado até o indivíduo, todos produzem território.

Já segundo Souza (2016), para dar inteligibilidade ao território, devem ser feitos alguns questionamentos, principalmente no sentido de quem influencia, governa ou domina esse recorte espacial? E de que maneira isso acontece? Inclusive, segundo o autor, onde existir o domínio ou predominância de um grupo ou indivíduo, deve obrigatoriamente haver também o consentimento de outro, por isso, muitas vezes, nos questionamentos da legitimidade do domínio de um grupo sobre outro, a dinâmica territorial pode se inverter. Portanto, a configuração do poder se dá através do território, mesmo que seja um poder virtual. Um grupo ou indivíduo exerce poder sobre outro(s) a partir do substrato espacial, definido e delimitado, mesmo que esse seja muitas vezes confuso e emaranhado, existindo fronteiras muito além daquelas consideradas oficiais, delimitadas administrativamente.

Outra análise e tentativa de dar inteligibilidade ao conceito pode ser encontrada na tipologia dos territórios de Fernandes (2008), compreendendo as relações entre as classes sociais e as formas de construções das diferentes estruturas do território. Para esse autor, o território é classificado a partir de três níveis indissociáveis: o primeiro território é constituído pelos espaços de governança (poder estatal), o segundo é composto pelas propriedades (privadas no sentido do capitalismo ou apropriadas em qualquer outro

sentido), e o terceiro é o relacional (onde ocorrem as relações simétricas e assimétricas entre o primeiro e o segundo território).

A DIFERENCIAÇÃO ENTRE ESPAÇO E TERRITÓRIO

É importante diferenciar as categorias de análise território e espaço (Quadro 1), que para Raffestin (1993), Souza (2016) e Saquet, (2008), são conceitos e termos distintos, reafirmando o espaço como anterior ao território. Esses autores apontam que o uso das duas categorias sem estabelecer um critério claro em suas análises causou inúmeras confusões como resultado de contradições de natureza epistemológica e diminuiu o potencial de compreensão da realidade.

Saquet (2008) coloca que território e espaço, não sendo entes separados, a definição de cada um remete ao processo epistemológico, político e ontológico, além do método empregado na análise. Ainda para Souza (2016) e Saquet (2008), embora o território seja um dos conceitos que mais vêm sendo discutido nas últimas décadas, ainda se observa uma amplitude muito grande em sua utilização, criando grande risco de perder aplicabilidade e se tornar um termo usado sem fundamentos ou uma epistemologia adequada.

Nesse mesmo sentido, Fernandes (2006) também acredita que o espaço geográfico (material ou imaterial) é a base para a formação do território, já que a formação do segundo só se dá a partir da fragmentação do primeiro. Esse autor ainda esclarece que o espaço político difere do espaço geográfico, sobretudo nas dimensões, conteúdos e formas. O espaço político, ainda que dimensional não possui área, podendo se constituir em ideologias ou correntes teóricas. Ainda, o espaço é perene e o território é transitório, uma vez que este último depende da intencionalidade do grupo social que o constrói. Fernandes (2006) também defende uma visão mais ampla do território, considerando sua multidimensionalidade e, embora existam ainda outras formas de pensar o território, de acordo com o método de pesquisa empregado, todas levam em consideração as relações de poder na sua construção conceitual.

Assim, o território é construído e constituído a partir da ação intencional no espaço, ao se aproximar de maneira abstrata (familiaridade, por exemplo) ou concreta (se aposando materialmente). Dessa forma, o ser humano territorializa o espaço. Tal apropriação demanda energia e informação, ambos elementos necessários para impulsionar o trabalho de modificação. Em outras palavras, o espaço é o substrato para a construção do território, assim nem todo espaço é território, mas todo território é espaço. Portanto, qualquer projeto de uso do espaço obrigatoriamente passa pela territorialidade, seja nas dimensões cultural, demográfica, econômica, socioambiental ou política.

Quadro 1: Síntese das concepções dos autores utilizados neste texto

	Território	Territorialidade	Espaço e território
Raffestin (1993)	Construído a partir da ação antrópica intencional no espaço, de maneira abstrata ou concreta.	É um valor particular, as múltiplas vivências dos sujeitos que constroem o território, resultante de relações produtivistas ou existenciais.	Espaço é substrato para território, ou seja, o território é posterior ao espaço.
Fernandes (2006 e 2008)	É o espaço apropriado por uma determinada relação social que o produz e o mantém a partir de uma forma de poder.	É a manifestação dos movimentos das relações sociais mantenedoras dos territórios que produzem e reproduzem ações próprias ou apropriadas.	O espaço geográfico (material ou imaterial) é a base para a formação do território, já que a formação do segundo só se dá a partir da fragmentação do primeiro.
Saquet (2008)	É fruto de um movimento relacional e histórico, com permanências e mudanças, além de ser multitemporal e também multiescalar.	Resultado e condição dos processos sociais e espaciais, significa movimento histórico e relacional. Sendo multidimensional, pode ser detalhada através das desigualdades e diferenças e, sendo unitária, através das identidades.	São dois níveis distintos de processos sócio-espaciais do cotidiano e também dois conceitos diferentes na ciência geográfica.
Souza (2016)	Relações de poder espacialmente delimitadas e operando sobre um substrato referencial.	É construída a partir de diversas maneiras e com predomínio de diferentes dimensões – cultural, política, econômica etc.	São diferentes, o espaço é o substrato material (edificações, campos de cultivo etc.) e imaterial (símbolos e identidade), já o território é o espaço mais poder.

Org.: Silva (2020)

MÉTODOS

Inicialmente ocorreu o levantamento bibliográfico na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD)¹, através da busca por títulos de trabalhos que contenham os termos ‘erva-mate’, ‘território’ ou os nomes dos municípios abrangidos. O lapso temporal da busca se inicia em 1981, data da defesa do primeiro trabalho localizado.

Posteriormente, na pesquisa documental, houve análise dos *Cadernos Municipais Estatísticos* (pré-análise) elaborados pelo Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social (IPARDES)², com ênfase nos índices de produção das culturas permanentes. Numa segunda fase de levantamento de dados ocorreu a investigação das pesquisas de *Produção Agrícola Municipal* (PAM) e *Produção da Extração Vegetal e da Silvicultura*, ambas produzidas em 2019 e divulgadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), através do canal Cidades@³. Nessa fase, os dados de produção e área cultivada foram cruzados com os do IPARDES (2020).

1 Levantamento realizado através da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações durante o mês de outubro de 2020. Disponível em: <https://bdtd.ibict.br/vufind/> (acesso em outubro de 2020).

2 Disponíveis em: <http://www.ipardes.pr.gov.br/Pagina/Cadernos-municipais> (acesso em novembro de 2020).

3 Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/> (acesso em novembro de 2020)

A REGIÃO SÃO MATHEUS E O TERRITÓRIO DOS ERVATEIROS

Para Saquet (2008), se o espaço é a matéria-prima para o território, esse vai depender de como se constituía o espaço antes dele ser construído e de que forma ocorreu a apropriação, gerando assim diversos territórios. Nesse sentido, Raffestin (1993) esclarece que o nível de conhecimento de cada grupo social, empresa ou indivíduo que se territorializa vai interferir proporcionalmente na construção territorial. A ligação entre os objetivos e as práticas de cada territorialização, como elas acontecem/aconteceram, passa pela organização e disposição do conhecimento discutido e aplicado. No território dos ervateiros o conhecimento considerado importante não é apenas o técnico/científico, mas também o tradicional, repassado entre gerações, desde a época e a forma de poda até tratos culturais e técnicas, aprendizados empíricos que sustentam boa parte da produção. A dinâmica territorial aqui é compreendida como o processo de movimento do/no espaço geográfico de sua constante disputa, conflitualidades, lutas, representações, sendo realizadas a partir do território, onde a base fundante está na sociedade que o movimento, de acordo com seus interesses.

A erva-mate é produzida na mata de araucária, sendo esta um importante fator para seu surgimento e qualidade (sombreamento, proteção, provimento de nutrientes etc.). Portanto, uma outra questão seria: qual a contribuição da erva-mate para a conservação de parte da mata de araucária? A devastação da mata nativa é um problema mundial. Com o intuito de mensurar e mapear a existência dessa formação no Paraná, Castella e Britez (2004) apontaram que restavam menos de 30% das florestas secundárias distribuídas de maneira heterogênea no estado, a maioria na região centro-sul do estado, e mesmo essas áreas já se encontravam bem degradadas.

Como os limites do território são definidos também de forma multidimensional, Raffestin (1993) analisa os subconjuntos do sistema territorial e suas formas de relações, apontando inicialmente a tecitura⁴ como produto desse processo, definindo e caracterizando os limites do território. Falar de território obrigatoriamente consiste em considerar limites e objetivos numa escala geográfica na superfície para cada fenômeno, incluindo aí as relações sociais. Desse modo, formam-se duas tecituras - a suportada (que tenta maximizar o controle do grupo) e a desejada (que tenta otimizar o campo de operações do grupo). Essa delimitação, portanto, atua diretamente na organização e construção dos territórios, tanto de forma externa, na disposição de vários territórios, quanto de forma interna, na organização territorial.

O estabelecimento de redes no território dos ervateiros ocorre, dentre outras possibilidades, a partir da ligação entre produtor, indústria e consumidor, já que esse é o ciclo natural do aspecto econômico. No entanto existem ainda outros sujeitos nessas redes, como os prestadores de serviços, que podem ser contratados formalmente ou não, através do trabalho temporário. Essas pessoas atuam na cadeia de maneira direta, sendo figuras indispensáveis em trabalhos como roçada, poda, plantio, colheita e transporte da erva-mate.

4 Raffestin (1993) emprega o termo "tecitura".

Os produtores/proprietários da área variam muito de perfil, sendo desde trabalhadores de base familiar que se utilizam da erva-mate como complementação de renda, até grandes proprietários que têm na erva-mate a principal fonte de renda. As redes no território dos ervateiros apresentam uma grande diversidade, formadas por inúmeros sujeitos e elementos que se relacionam de diferentes formas.

Com relação ao estabelecimento de comunicações e redes no território dos ervateiros, a relação entre o produtor e a indústria pode ser direta e formal, através de um contrato oficializado, ou por meio de terceiros, conhecidos como atravessadores. Essa conflitualidade gera também uma disputa territorial, entrando no aspecto da relação entre capital, trabalho e renda. Isso dificulta a tabulação de dados e informações oficiais referentes às finanças, já que nem sempre o produto é entregue no mesmo município onde é comprado e, como a nota fiscal é gerada no município de entrega, podem haver distorções.

Toda relação social e geográfica vai ser emaranhada em uma teia de poder, observar quem e como domina, bem como quem e como é dominado, se torna uma das possibilidades de compreender o que acontece, de fato, naquela situação. A autonomia individual e coletiva dos sujeitos do grupo hegemônico é muito maior, isso faz com que essas pessoas ajam com uma determinada postura, já que seu poder está legitimado. Já para o grupo dotado de uma menor autonomia restam duas possibilidades: aceitar passivamente a dominação, muitas vezes até inconscientemente (quando a desigualdade está naturalizada, por exemplo), legitimando assim a autonomia e o consequente domínio do grupo hegemônico; ou resistir e tentar uma articulação coletiva para aumentar sua autonomia e contestar as ações postas até então, originando uma disputa territorial.

Não se trata apenas de observar a realidade posta atualmente, mas, sim, de mergulhar nos âmbitos históricos e geográficos que a construíram e a moldaram. Pensar, por exemplo, as complexidades existentes no campo brasileiro a partir dos diferentes sujeitos que o compõem é uma das formas de fugir do lugar comum. Mas para essa análise é necessária uma imersão muito maior do que a mera observação da realidade e do momento atual. Se considerar que o território é produzido por e a partir das relações sociais, automaticamente surge uma diversidade territorial intrínseca ao processo de sua produção, o que demanda uma análise mais profunda.

Retomando Raffestin (1993) e sua proposta de análise da organização territorial pensada através de pontos e redes, nodosidades territoriais ou pontos acontecem as localizações e o reagrupamento dos indivíduos. Didaticamente, há diversos pontos a considerar: aldeia, bairro, cidade, vila etc. A hierarquização dos pontos fica evidente na hierarquia dos territórios agrários brasileiros, por exemplo. Com isso, os pontos se tornam centralidade da individualidade, do ego e, dependendo de sua localização, se tornam mais ou menos estratégicos. Ser ou não um ponto estratégico pode ser determinado por acontecimentos históricos, como quando a supervalorização do preço da erva-mate acarreta um aumento de área plantada, mas nem todos os territórios possuem suporte (mecânico ou natural) para aquele cultivo, criando uma discrepância ou aumentando as já existentes.

A erva-mate é uma cultura permanente, onde apenas suas folhas são exploradas. Conforme os dados nos quadros 2 e 3, há duas formas de sua exploração: a extração de

plantas nativas (extrativismo vegetal) e a colheita em árvores plantadas (silvicultura). Apesar da diferenciação de preço e encaminhamentos, as duas formas compõem o que a análise considera o território dos ervateiros, relacionado diretamente aos sujeitos envolvidos em sua produção.

Quadro 2: Área de produção agrícola da erva-mate plantada nos municípios da Região São Matheus, Paraná.

Município	Área colhida (ha)	Produção total (t)	% da área com cultura permanente
Antônio Olinto*	-	-	0
Mallet	280	1.000	70
Rebouças	380	2.280	96,4
Rio Azul	500	1.100	95,7
São João do Triunfo	735	3.528	97,8
São Mateus do Sul	6.250	39.000	99,1

Fonte: IBGE (2019).

*Segundo a fonte não houve colheita/produção de erva-mate plantada nesse município em 2019.

O Quadro 3 mostra índices da erva-mate extraída da exploração da floresta nativa. Sem dados referentes à área plantada, o controle e mapeamento são mais complexos, portanto o território é construído de maneiras diversas, não só pela forma de cultivo ou exploração, mas também pelo ordenamento territorial “natural” e apropriação.

Quadro 3: Dados de extração da erva-mate nos municípios da Região São Matheus, Paraná, e sua relação com outros recursos florestais alimentícios extraídos em 2019.

Município	Produção total (t)	% da produção extrativista alimentícia
Antônio Olinto	4.800	99,1
Mallet	4.000	97,5
Rebouças	1.310	98,7
Rio Azul	4.400	97,7
São João do Triunfo	3.672	99,9
São Mateus do Sul	39.000	99,8

Fonte: IBGE (2019).

A partir do cruzamento das informações dos quadros, é possível notar alguns elementos que o único produto alimentício extraído nos municípios e registrado pelos órgãos citados acima, além da erva-mate estando sempre acima dos 97%, é o pinhão, semente da araucária.

As dinâmicas territoriais, nesse sentido, podem ser percebidas dentro de todo o ciclo de produção e consumo, bem como de apropriação de recursos, questões culturais e socioambientais.

- Há uma discrepância entre a área plantada e a produção de Rio Azul (no Quadro 2), uma justificativa possível para isso é o fato de que a produção em toneladas é calculada a partir de reuniões e trocas de informações entre os órgãos estatísticos municipais (Secretarias de

Agricultura); Estaduais (Instituto de Desenvolvimento Rural do Paraná – IDR, Secretaria Estadual da Agricultura e Abastecimento – SEAB); e Federais (IBGE). Tais dados são obtidos a partir de levantamentos de campo por amostragem, o que pode justificar o fato de as redes territoriais não serem devidamente mapeadas nesse recorte, causando tal incerteza nos dados.

- São Mateus do Sul é o maior produtor entre os seis municípios elencados. A consequência disso na organização produtiva deve ser considerada através da influência dos produtores desse município nas territorialidades econômicas da região como um todo, desde poder decisório até peso em negociações e instalações de pontos importantes para a cadeia produtiva.

- A relação territorial entre a produção extrativista e agrícola varia muito de acordo com o preço das folhas da erva-mate. Quando há um acréscimo considerável no valor de mercado, os produtores aumentam ou adensam suas áreas, ou mesmo aumentam a pressão extrativista em áreas nativas. Quando há o decréscimo de valor, a tendência é que os produtores diminuam as áreas destinadas ao cultivo.

A territorialização da erva-mate ocorre de acordo com o que Souza (2016) coloca sobre os motivos para a territorialização no espaço, desde a cobiça por recursos naturais até a simbologia cultural ou religiosa. O sentido da territorialização pode ser político (não confundir com política estatal e governamental), econômico, cultural, socioambiental ou outro. O sentido predominante percebido na territorialização da erva-mate na Região São Matheus é econômico, variando de acordo com a intencionalidade e dinâmica dos sujeitos envolvidos (produtores, beneficiadores, atravessadores, consumidores etc.). Significa que ultrapassa a territorialização natural, como uma planta nativa espontânea, e atinge, a partir da economia, seu principal elemento de territorialização através da ação humana intencional.

De maneira alguma se pretende criar uma hierarquização entre as dimensões, o pensamento se baseia na questão estrutural e relacional, na qual em determinado momento ou território uma dimensão se sobressai em relação às outras. A materialidade é importante para o território, mas ele não existe apenas por isso ou por si só, sendo necessário sempre que existam relações sociais e, obrigatoriamente, de poder, com imbricamento dos elementos materiais e imateriais. No caso da territorialização econômica da erva-mate, a imaterialidade perpassa, entre outros aspectos, pelas disputas e conflitualidades traçadas entre indústrias em busca de matéria-prima e fornecedores, através de discursos, filosofias empresariais e campanhas. Já a materialidade repercute, entre outros, na alocação de suas plantas industriais mais ou menos próximas dos principais pontos de entrega da matéria-prima.

Retomando Saquet (2008, p. 83), colocar a territorialização como “[...] resultado e condição dos processos sociais e espaciais, significa movimento histórico e relacional. Sendo multidimensional, pode ser detalhada através das desigualdades e das diferenças e, sendo unitária, através das identidades.” É possível perceber que a territorialização acontece de acordo com a (des)organização dos sujeitos em diferentes aspectos espaciais e recortes temporais, bem como a partir da diferenciação espacial e construção das identidades. A

relação entre a territorialização da erva-mate, as desigualdades mencionadas e a organização dos sujeitos se expressa a partir do momento em que ocorrem as conflitualidades e as delimitações de fronteiras dentro do recorte escolhido.

A MATERIALIDADE, A IMATERIALIDADE E AS TERRITORIALIDADES NO TERRITÓRIO DOS ERVATEIROS

Com relação às variações territoriais materiais e imateriais, para Fernandes (2006) o território imaterial é um espaço político e abstrato, além de ser dotado de tudo que a imaterialidade sugere. Sendo assim, o território material é tudo aquilo que seja palpável perante a realidade, pendendo para elementos físicos, como fronteiras, construções, infraestrutura em geral, enquanto o imaterial é composto por atos, costumes, códigos de conduta, rituais, hábitos, intencionalidades etc.

A relação espaço-tempo se manifesta também no território a partir das modificações e permanências, já que tudo que se territorializa demanda um processo de formação e transformação. Os mundos das ideias (imaterial) e das “coisas” (material) são relacionais, e tudo que se constrói materialmente é dotado da projeção/ideia, intencionalidade e simbologia.

Analisando o território dos ervateiros a partir das formas de apropriação territorial apontadas por Saquet (2008), que considera tanto as formas simbólicas quanto materiais, as observações da materialidade surgem a partir da escolha de local de instalação de cada planta industrial e fluxos de chegada e saída de matéria-prima. Quanto à imaterialidade, além das disputas no campo da ideologia, surge também um discurso que visa aumentar o consumo da erva-mate e seus derivados, a partir da expansão de possibilidades, também como sua inserção como matéria-prima para sorvetes, bolos, licores etc. A dimensão econômica da erva-mate em São Mateus do Sul pode ser percebida também dentro da cadeia de produção, comércio e consumo do produto. Assim, toda mercadoria que passa por essa cadeia vai agregando valor de acordo com o beneficiamento, qualidade, tempo de produção etc., além de derivar outros produtos. No caso em estudo, a mercadoria vai além da maneira mais usual de consumo (para chimarrão ou tereré), mas também, conforme o Regulamento de Uso da IG São Matheus (2017), congrega ainda sementes, mudas, chá mate e erva-mate cancheada (processada) para diversos fins.

Nesse sentido, o valor e uso da terra se torna propriedade e geração de recursos, pois sabe-se que a questão fundiária é preponderante para qualquer produção agrícola ou florestal. Partindo desse princípio, geralmente a erva-mate não é a única atividade econômica da propriedade, já que não demanda trabalho e renda o ano todo (às vezes nem todo ano, já que na maioria das propriedades as safras são bianuais e ocorre colheita apenas em parte do *stand* para garantir sua continuidade). Assim, em geral, há uma dedicação maior às atividades de pecuária e outras culturas como milho, soja, batata, feijão e tabaco.

A materialidade também pode ser encontrada nas dimensões, política e cultural. A dimensão política pode ser posta através da visão do poder público, principalmente pela influência de órgãos diretos e indiretos, como Ministério e Secretarias Estaduais e Municipais

de Agricultura, Meio Ambiente, além do Instituto de Desenvolvimento Rural do Paraná (IDR-PR) e de outros órgãos e entidades públicas de fomento, pesquisa e extensão agrícola. Tais influências vão desde assistência técnica, definição de valor de impostos e leis, até incentivos oficiais para a produção de determinada cultura. Ao mesmo tempo, também é necessário pensar a dimensão política para além do poder público, dado que as conflitualidades existentes dentro das dinâmicas territoriais da erva-mate abrangem associações de produtores ou produtores individuais, sindicatos, compradores autônomos, indústrias, trabalhadores assalariados, diaristas, prestadores de serviços, consumidores, associações civis etc. Todos esses sujeitos fazem parte e dinamizam o território dos ervateiros, criando e vivenciando relações de poder que atuam num determinado recorte territorial.

Já pela dimensão cultural, sabe-se que a erva-mate já era consumida desde antes da colonização européia, apresentada aos recém chegados pelos indígenas tupi-guarani (Wachowicz, 1988). Existe um apelo muito grande, sobretudo midiático e identitário, que liga o chimarrão e erva-mate aos gaúchos. Nesse sentido, há possibilidade de perceber uma conflitualidade e também um conflito, não pelo consumo exclusivo da erva-mate, mas sim pelo pioneirismo e destaque no consumo e produção do mate. Outra inquietação que motiva tais reflexões é comparar as intencionalidades de um idoso que desde criança consome mate diariamente, carregando naquele ritual uma simbologia que recebeu de seus antepassados e legou a seus descendentes, e as de um grande empresário que lucra muito com a erva-mate. É possível perceber, portanto, a multidimensionalidade relacional e dinâmica deste território. Assim, retomando Saquet (2008, p. 86), que coloca que “[...] há territórios e territorialidades sobrepostos e em redes. Há redes nos territórios e territórios em redes bem como movimento do território e das redes. Os territórios e as territorialidades humanas são múltiplos, históricos e relacionais”, converge-se com Raffestin (1993), já que rede e território/poder são concomitantemente presentes nas materialidades e imaterialidades. Com isso, torna-se válido pensar e destacar a imbricação da ação humana como parte da natureza, dos movimentos e do estabelecimento de redes materiais e imateriais a partir da erva-mate. Fica claro que o sistema territorial proposto por Raffestin (1993, p. 158) interfere na territorialidade. Como é possível observar no segundo aspecto abordado pelo autor: “A territorialidade é um valor particular, as múltiplas vivências dos sujeitos que constroem o território, essas vivências são resultado de relações produtivistas ou existenciais”.

O território imaterial sempre está em disputa, pois é ele que muitas vezes vai influenciar diretamente na construção, reprodução e transformação da materialidade, visto que territorialmente falando, os projetos são ligados às ideologias, posições sociais e conflitos de classe.

Por mais distintos que sejam as organizações e grupos sociais entre si, haverá pontos de convergência/aspectos em comum e divergência/diferença. Trazendo a discussão de Saquet (2008) para o território dos ervateiros, os fatores externos (preços, demanda de mercado nacional/internacional etc.) e internos (produtividade, questão fundiária, cultural etc.) interferem na homogeneidade e heterogeneidade do cotidiano. Um dos maiores desafios é encontrar simetrias nas relações entre os grupos envolvidos no território dos ervateiros,

já que sobretudo as relações econômicas são quase sempre conflituosas, demonstrando o predomínio de relações assimétricas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir desta análise, foi possível perceber simetrias e assimetrias nas relações entre os sujeitos e elementos territoriais do recorte escolhido. A dinâmica territorial acontece de maneira interligada, e a hipótese inicial da discrepância de dados oficiais é confirmada. Em se tratando de dinâmicas territoriais, não se pode deixar de lado o aspecto multidimensional, considerando que o território se apresenta de maneira plural, dinâmica e relacional.

Importante perceber que o território vai muito além da governança pública - estando instituído no seio das relações sociais, se mantém através de formas de poder. Mas como trazer a discussão territorial para a realidade cotidiana dos mais diferentes sujeitos que formam o território? Como compreender o território para além das entidades oficiais? De que forma dar voz aos sujeitos tidos como não hegemônicos na história e geografia do país? A complexidade das respostas de tais perguntas não é pequena, mas uma das possibilidades envolve discutir esses temas a partir do viés da autonomia, seja ela coletiva ou individual.

Com relação à Indicação Geográfica (IG), aspecto que ressalta a dimensão econômica do território, é possível perceber uma influência maior dos produtores do município de São Mateus do Sul, fato ressaltado pela escolha do nome atribuído à região da IG. Há ainda a percepção de um predomínio da produção extrativista sobre a produção silvivul-tural, o que pode ser explicado em parte pela sistemática de trabalho com a erva-mate, que não demanda dedicação exclusiva, por isso mesmo uma atividade complementar nas propriedades rurais ou como estratégia de reserva de emergência pensada para períodos de dificuldades ou crises financeiras.

As redes entre produtores, indústrias, prestadores de serviços e consumidores de erva-mate ainda se mostram um desafio de mapeamento e percepção, já que se caracterizam por complexidade e multidimensionalidade relacional, sobretudo política, econômica e cultural. Pensar o território em forma de rede permite alcançar horizontes vastos, com uma dinâmica de fluxos nem sempre lineares.

A materialidade e imaterialidade no tocante ao território podem ser observadas desde a concorrência entre empresas de produção de comercialização da erva-mate, passando pelas conflitualidades entre produtores e trabalhadores, até o consumo da erva-mate impulsionado por várias estratégias midiáticas da economia ou como resultado de aspectos culturais repassados entre gerações.

Ainda existem possibilidades a partir de outras dimensões, como por exemplo aprofundar futuramente a discussão socioambiental para compreender essa dimensão da territorialização da erva-mate e seus desdobramentos no território.

REFERÊNCIAS

- Castella, P.R., & Britez, R.M. (Orgs.) (2004). *A floresta com araucária no Paraná: conservação e diagnóstico dos remanescentes florestais*. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, Projeto de Conservação e Utilização Sustentável da Diversidade Biológica Brasileira – PROBIO.
- Fernandes, B.M. (2006). Os campos da pesquisa em educação do campo: espaço e território como categorias essenciais. In M. C. Molina. *Educação do campo e pesquisa: questões para reflexão* (pp. 27-39). Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário.
- Fernandes, B.M. (2008). Sobre a tipologia de territórios. In M.A. Saquet & E.S. Sposito (Orgs.). *Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos* (pp. 197-216). São Paulo: Expressão Popular.
- Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2019). *Pesquisa Agrícola Municipal*. Recuperado de <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/economicas/agricultura-e-pecuaria/9117-producao-agricola-municipal-culturas-temporarias-e-permanentes.html?=&t=o-que-e>
- Indicação de Procedência - IG Mathe (2020). *Reconhecimento da IG São Matheus*. Recuperado de <https://igmathe.com.br/ig-regiao-sao-matheus.php>
- Instituto Nacional de Propriedade Industrial (2020). *Regulamento de uso indicação de procedência São Matheus*. Recuperado de <https://www.gov.br/inpi/pt-br/servicos/indicacoes-geograficas/arquivos/cadernos-de-especificacoes-tecnicas/SoMatheus.pdf>
- Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social (2020). *Cadernos Estatísticos Municipais*. Recuperado de http://www.ipardes.gov.br/index.php?pg_conteudo=1&cod_conteudo=30
- Maack, R. (2012). *Geografia Física do Estado do Paraná*. 4 ed. Ponta Grossa: Editora UEPG.
- Raffestin, C. O que é território? (1993). In C. Raffestin. *Por uma Geografia do Poder* (pp. 143-163). São Paulo: Ática.
- Saquet, M.A. (2008). Por uma abordagem territorial. In M.A. Saquet & E.S. Sposito (Orgs.). *Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos* (pp. 37-56). São Paulo: Expressão Popular.
- Souza, M. L. de (2016). Território e (des) territorialização. In M. L. de Souza. *Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial*. 3 ed. (pp. 77-110). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Wachowicz, R.C. (1988). *História do Paraná*. 6 ed. Curitiba: Editora Gráfica Vicentina.

Submetido em 06/mar./2021

Aceito em 25/jan./2022

Versão final recebida em 23/abr./2022

Publicado em 15/maio/2022